

## PARA UMA TEORIA DO CONTO

A maior parte dos críticos e estudiosos do **conto** tem-se preocupado em compará-lo com o **romance**, vendo entre as duas formas de ficção, pelo menos no Brasil, a forma intermediária da **novela**. E quando não se faz a comparação, procuram ver no conto, forçosamente, os mesmos elementos estruturais do romance, forma ficcional muito mais estudada pelos teóricos da literatura ocidental. É que o romance, pela sua possibilidade de abranger todo um simulacro da sociedade, tornou-se muito mais saliente na história da literatura, transformando-se em "documento" e servindo, além da sua função literária, aos propósitos de historiadores e sociólogos para a reconstrução indireta do modelo social. O conto, entretanto, pela sua natureza e estrutura, esteve sempre ao nível do indivíduo; pelo seu caráter sintético, de simples corte na realidade, nunca chegou a delinear uma imagem nítida e total da sociedade, embora a sua origem seja de natureza gregária, ligada ao clã e à família. Mas o seu objetivo nunca foi "retratar" a vida inteira da comunidade, e sim destacar dessa comunidade um acontecimento, uma personagem, um traço qualquer que podia, em pouco tempo e de forma absoluta, ser transmitido oralmente como exemplo ou por simples gratuidade lingüística.

Daí a sua aproximação com o mito, com a lenda, com o conto maravilhoso, com a fábula, com o caso, com a anedota e com o provérbio, formas simples (André Jolles) com que sempre esteve confundido, pelo menos até o advento da imprensa. Os primeiros autores de livros de conto não faziam questão de distinguir entre os contos que pertenciam à tradição (e que estavam, portanto, incrustados na **língua**) e os que pertenciam à sua própria criação, como produtos de uma **fala** literária. Todos os livros de contos a partir do século XV misturam as duas formas: os de **forma simples**, ligados à tradição popular; e os de **forma culta**, criado pelo escritor. Obras como **Le Decamerone** (1350), **The Canterbury tales** (1387), **Piacevoli notti** (1550), **Cunto de li cunti** (1634), **Héptameron** (XVI), **Novelas ejemplares** (1613), **Fables** (1668) e **As Mil e uma noites** (1400-1704) estão cheias das duas formas. Só no fim do século XVIII, depois da polêmica de Jacob Grimm e Arnim, é que começa efetivamente a haver separação das



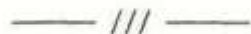
duas formas de contos. A concepção de Wieland sobre o conto traz bem a encruzilhada teórica que se está abrindo: "O conto é uma forma de arte em que se unem e podem ser satisfeitas em conjunto e como tais essas duas vertentes contraditórias da natureza humana, que são a vertente para o maravilhoso e do amor à verdade e à natureza". Dentro do mesmo espírito, os irmãos Grimm escreverão que "A poesia popular sai do coração do Todo; a poesia de arte sai da alma individual". Havia agora a consciência das duas formas, e obras como "Kinder-und Hausmärchen (1812) e Contes (1835) já se situam apenas no terreno das formas simples, como também as obras de Hoffman, Goethe, Balzac, Musset e Mérimée, embora muitas vezes apoiada na tradição, definem bem a linha da forma culta, do conto literário que começa a conquistar o seu público nas páginas da imprensa romântica.

As formas simples, com o incremento dos estudos sobre o folclore, ganham logo os seus primeiros teóricos como Max Müller, Van Gennep, Lang e Jung que, através das escolas hermenêuticas (filológicas, astronômicas, solaristas, históricas, antropológicas, ritualistas e psicanalistas), procuram interpretar e explicar o aparecimento da narrativa mítica, nela incluindo os contos maravilhosos. Os estudos de Vladimir Propp na Rússia (na mesma época em que André Jolles, na Alemanha, desenvolvia a sua teoria das formas simples) abriram novas possibilidades para o estudo do conto popular, motivando as interpretações de Brémond, Greimas e Todorov, não se falando nos trabalhos de Lévi-Strauss que deram à visão sintagmática de Propp a dimensão paradigmática que lhe faltava.

Por seu lado, o conto literário teve o seu primeiro teórico numa recensão crítica de Edgar Allan Poe, em 1843. De lá para cá pouco se tem acrescentado à caracterização de Poe, a não ser as concepções particulares de contistas como Maupassant, Tchecov ou Júlio Cortázar, por exemplo. No Brasil, Machado de Assis (indiretamente, nos prefácios) e Araripe Júnior são de certo modo os nossos primeiros teóricos do conto, forma literária incompreendida (obviamente) por Sílvio Romero, ampliada por Mário de Andrade e, através de Guimarães Rosa, equilibrada entre a tradição literária e a tradição popular.

Como a linha da forma simples tem sido mais cientificamente estudada, é muito comum na atualidade aproveitar os instrumentos de análise do conto popular para aplicá-los na análise do conto literário, muitas vezes sem se dar conta da natureza e da estrutura diferentes das duas formas. Daí uma série de trabalhos sobre o conto literário muito bem engendrados, mas incapazes de apreender, na sua totalidade estética, as "leis" particulares de cada conto. O conto literário não é simplesmente recolhido da tradição; é criado ou produzido pelo escritor e, como tal, é organizado em livro, codificado numa realidade superior cujas "leis" o

crítico e o estudioso devem procurar descobrir. Cada livro de conto pode ser visto como um todo semântico, uma espécie de arquitemema cujos sememas são os contos, sendo que cada conto pode ser compreendido como uma unidade semântica formada de traços sêmicos (semas) particulares que devem ser isolados, comparados e estudados. A partir desses traços sêmicos pode-se chegar à visão de semelhanças e diferenças dos contos entre si e, a partir daí, à visão totalizante e sintética do livro.



Em dois cursos sobre o conto, dados respectivamente na PUC do Rio de Janeiro (no primeiro semestre de 1973) e na PUC do Rio Grande do Sul (no verão de 1974), pusemos à disposição do aluno de pós-graduação uma série de textos teóricos sobre esse tipo de narrativa curta. Muitos deles difíceis de serem encontrados. Daí a idéia de se organizar uma espécie de antologia teórica desses textos, idéia que contou com o beneplácido do Sr. Elvo Clemente; concedeu-nos este número especial de **Letras de hoje**, que publica também alguns trabalhos de alunos-professores que freqüentaram, em Porto Alegre, o nosso curso de Teoria Literária especialmente dedicado à teoria do conto.

Assim, este número especial sobre o conto, que fazemos questão de dedicar ao trabalho de R. Magalhães Júnior, autor de um excelente estudo sobre a narrativa curta (**A Arte do conto**, Edições Bloch, 1972), traz uma série de textos sobre a história, a teoria e a interpretação do conto tanto do seu ponto de vista universal como do ponto de vista brasileiro. Conta também com ótimos estudos interpretativos feitos por alguns alunos da PUC do Rio Grande do Sul.

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1974.

**Gilberto Mendonça Teles**